

FRAGMENTOS DO MIDRASH NA COMÉDIA *A CRIAÇÃO DO MUNDO E OUTROS NEGÓCIOS*, DE ARTHUR MILLER

Alexandre Feldman

Em *A Criação do Mundo e Outros Negócios*, o dramaturgo norte-americano Arthur Miller, assumidamente, recorreu às primeiras histórias bíblicas, com especial ênfase para o assassinato de Abel, com o claro intuito de reafirmar sua visão de que apenas “depois da Queda”, depois que o homem é verdadeiramente dono de suas escolhas e responsável por elas, é que a “história” realmente tem início.

Não há, por parte do dramaturgo, nenhuma preocupação metafísica em perscrutar a divindade, embora trabalhe conceitos e imagens a ela relacionados. Para Miller, o fratricídio cometido por Caim é, em si, a forma encontrada pelos rabinos para justificar a própria necessidade dos textos sagrados.¹ Ao colocar sua ênfase neste trecho, ele deixa claro que está mais preocupado com as ações do homem no mundo do que com as justificativas e motivações da Criação, entenda-se, a metafísica ou especulação sobre o transcendente.

Assim, utilizando-se de um tom cômico, iniciando por uma breve descrição da Criação na rubrica inicial, passando pela história de Adão e Eva e da Queda, e culminando com o assassinato de Abel por seu irmão Caim, o autor narra a seu modo os primeiros eventos da Bíblia, apresentando, de maneira simples e explícita, seu eixo humanista, existencialista e profundamente questionador.

O fato de a comédia de Miller ser baseada num texto bíblico fez ainda com que se pensasse que a obra possuía um tom caprichoso e moralista. Se de um lado isso acontece com esse tipo de peça e situação, não se pode dizer que tenha ocorrido neste trabalho. Ao contrário, Miller conduz a peça com um tom popular principalmente no que concerne à linguagem, introduzindo piadas simples e sutis, mas dotadas de significações diversas que muito revelam de histórias do *midrash*. Esse, por sua vez, acaba por se constituir num material rico e eficaz para melhor se compreender os significados implícitos dos elementos bíblicos e suas re-elaborações nessa obra. Tal fato ocorre porque o dramaturgo, mesmo que inconscientemente, recorre, ao compor esta comédia, a um estilo que muito se assemelha ao modo rabínico de interpretação narrativa de textos sagrados.

A presença desses elementos delineadores e a técnica empregada na composição de *A Criação do Mundo e Outros Negócios* se vale da múltipla significação presente nos elementos e personagens bíblicos explorados pelo dramaturgo e a tornam mais interessante, pois acabam por lançar novas perspectivas às análises críticas. Isso ocorre tanto do ponto de vista literário quanto dramatúrgico, de modo que a própria peça pode, a partir de tal entendimento, ser considerada uma forma de *midrash* ou a absorção de elementos ou questionamentos provenientes de vários *midrashim* de algumas das primeiras histórias do livro de Gênesis. Por meio destas releituras e de fragmentos do *midrash* o dramaturgo “completa lacunas”, visando extrair desse seu relato novas reflexões.

Não há exagero em reconhecer a força do *midrash* em *A Criação do Mundo e Outros Negócios*, primeiramente pela comédia estar circunscrita a um ponto de vista literário. Mas,

¹ MILLER, Arthur. *The Theater Essays of Arthur Miller*. (Ed) Robert Martin and Steven Centola. New York, Da Capo Press, 1996. p. 486.

mesmo que seja adotada uma perspectiva mais ampla, ainda assim não há excesso, porque, apesar de a palavra *midrash* referir-se primeiramente ao corpo literário, que surgiu e tomou forma em um contexto histórico-cultural durante o período rabínico, pensadores judeus modernos concedem ao termo um entendimento mais amplo. Para esses pensadores, *midrash* descreve o processo pelo qual o judeu procura extrair significados vivos de suas fontes através das gerações por meio da interpretação criativa.² Dessa forma, o “processo *midráshico*” nunca termina e, mesmo na atualidade, vários judeus não necessariamente “religiosos” no sentido formal, assim como Miller, continuam mantendo uma conexão viva com as fontes judaicas³ que, inevitavelmente, também tratam de questões existencialistas.

Há, em algumas falas, que aparentam ser simplesmente cômicas, profundas preocupações que questionam o propósito do ser humano diante da vida, a busca por valores eternos no sentido de não se limitarem a nenhum grupo ou época, bem como a nítida desilusão do dramaturgo diante da desumanização, que ele não hesita em ligar ao consumismo. Mas mais do que isso, tais falas provêm de discussões e histórias semelhantes presentes na homilia judaica.

Por isso, uma vez que Miller recorre às narrativas bíblicas e do *midrash*, faz-se necessário entender que os fundamentos dessa tradição são enraizados numa técnica interpretativa que se vale de uma linguagem dialógica para retomar os significados dos textos do cânone, não necessariamente à procura de respostas para todas as questões, mas pelo próprio processo em si, que faz parte da cultura judaica e que não deixa de conter certas doses de ironia e provocação, a fim de expor sabedoria.

É importante frisar que a tradição moderna, principalmente a ocidental, tende a tomar os textos escriturais como documentos históricos ou objetos estéticos, o que em si dificulta, se não impede totalmente, a compreensão de que as interpretações do *midrash* e das narrativas bíblicas não são proposições que discutam o verdadeiro ou o falso, mas sim meios de participação no diálogo com a *Torá*. Por isso, os *darshanim* (aqueles que se utilizam do *midrash* para investigar os textos bíblicos) se viam (e se vêem) em diálogo mútuo e com gerações passadas.

O que resulta dessas interpretações não é, em hipótese alguma, um conhecimento técnico. Ao contrário, surge uma abordagem metodológica cuja chave do entendimento reside na reciprocidade entre texto e história, de um modo que não há conflito de autoridade, porque é o diálogo, como um todo, que tem valor e não as interpretações vistas de modo isolado. Este entendimento é fundamental para se compreender os recortes feitos pelo dramaturgo nesta peça que, pela forma que trabalha os conteúdos bíblicos, exige uma visão do conjunto e não de interpretações isoladas.

O *midrash* impede o entendimento das Escrituras como peças de museu ligadas a um passado intangível. Ele demonstra como o texto sagrado ainda nos fala, traduzindo o passado ao presente, do mesmo modo que na tradução de uma língua para outra se procura não apenas transferir o significado de uma palavra (sinonímia) ao localizá-lo no dicionário, mas sim situar essa explicação numa nova estrutura conceitual. Miller se vale dessa técnica e transporta para sua comédia novos significados que necessitam ser reinterpretados à luz de outros elementos que compõem a peça, para assim o conjunto de idéias ser entendido

² FACKENHEIM, Emil. *Gods Presence in History*. New York & London: New York University and University of London Press, 1970.

³ ROSENAK, Michael & COHEN, Jonathan. *The midrash and the Modern World*. Jerusalem: The Hebrew University of Jerusalem. Experimental Edition, 1982. p. 74.

nessa nova estrutura conceitual, que não visa apenas o entretenimento, como normalmente esperado de peças com conteúdo cômico. Ao contrário, de modo semelhante ao que ocorre com as narrativas do *midrash*, a peça parece tentar oferecer soluções a problemas filosóficos fundamentais com os quais a humanidade tem se debatido desde os tempos mais remotos.

Pode-se, portanto, reconhecer nessa comédia de Miller a forma pela qual Leopold Zunz⁴ se referiu ao comentário *hagádico* quando diz que este também cabe ao homem estudado que não seja um sábio ou doutor da lei e que, por meio dele, novas idéias podem se desenvolver pelas palavras das antigas Escrituras⁵, pois o dramaturgo, como homem culto, estava plenamente ciente das implicações do uso bíblico em sua comédia e se municiou de todos os recursos a ele acessíveis para tentar imprimir “novas idéias pelas palavras antigas”, como um veículo por meio do qual são levantadas questões fundamentais e sérias.

É importante que fique claro que o reconhecimento da semelhança não implica, em nenhum momento, que se possa estabelecer equivalência entre o modo rabínico de interpretação narrativa e a técnica literária do dramaturgo norte-americano. O que se procura demonstrar é que o dramaturgo, apesar de não necessariamente vir de um ambiente judaico religioso formal, constantemente recorre a elementos bíblicos. Então, em *A Criação do Mundo e Outros Negócios*, Miller reabsorveu esses escritos e os processou em termos interpretativos de um modo que facilmente recorda a literatura do *midrash* no que diz respeito a inserções, tentativas de explicações e preenchimentos de lacunas.

Mesmo não se referindo ao termo *midrash*, Miller faz perguntas semelhantes às que motivaram as mais diversas reflexões e geraram as mais criativas respostas nas narrativas *midráshicas*. Em outras palavras: Miller reconhece tanto o valor das brechas do texto bíblico como uma postura que vise a interpretação e estimule a imaginação para tentar suprir essas lacunas e é exatamente isso que é feito ao longo da comédia.

Para o dramaturgo a literatura hipnótica do texto bíblico é uma literatura de alguns poucos e, certamente, um exemplo de condensação e elipses. Como exemplo, ele diz que “a completa criação do mundo ocupa menos espaço do que uma receita culinária”⁶, o que inevitavelmente necessitaria de complementos.

Entretanto, apesar de reconhecer essas qualidades literárias, o dramaturgo não deixa de observar, de um modo crítico, que este texto riquíssimo tem servido apenas como forma de dominação de uma maioria inculta.⁷ De qualquer forma, o que se reconhece nesses posicionamentos de Miller é que ele procurou preencher lacunas de modo que ampliasse cada vez mais as possibilidades interpretativas.

Na realidade, o que ocorre na tradição judaica, e que nessa comédia é explorado à exaustão pelo dramaturgo, é que o sentido literal, que é completamente significativo, não é o significado, pois este precisa ainda ser extraído do texto de uma forma que não se limite a

⁴ Leopold Zunz (1794 – 1886) é considerado o fundador da *Wissenschaft des Judentums*, o movimento para o estudo científico do judaísmo. Foi um dos grandes estudiosos modernos a lidar com a *agadá*. Embora publicado em 1832, a monumental história da homilia judaica, *Gottesdienstlichen Vorträge der Juden* é ainda considerada a base fundamental para o estudo acadêmico desta temática. Neste livro, Zunz tenta definir diferenças essenciais entre a *halachá* e a *agadá*, tendo em vista o papel que tinham para os sábios em sua compreensão da *Torá*.

⁵ GOTTLIEB, Isaac. *Midrash and Haggadah*. Ramat-Aviv, Tel-Aviv: Everyman's University, 1981.

⁶ MILLER, Arthur. The Creation of the World and Other Business. In: *Arthur Miller Plays three*. London: Methuen, 1994. p. xi.

⁷ MILLER, Arthur. The Creation of the World and Other Business. In: *Arthur Miller Plays three*. London: Methuen, 1994. p. xi.

decodificação e interpretação de conteúdo, mas de relações nas quais os detalhes das histórias ou dos “fatos” são secundários à “verdade” que se apresenta na moral que o todo alude com múltiplas relações paradigmáticas e dialógicas. Sob esse aspecto, o dramaturgo foi muito perspicaz ao se dar conta de que o *midrash* se apresenta em uma linguagem narrativa, cujos conceitos, muito próximos aos da criação literária, propiciam material fértil para a discussão de vários problemas similares aos de cunho filosófico no pensamento ocidental, bem como ao se valer dessa técnica em sua comédia.

Porém, não deve ficar nenhuma dúvida de que a peça teatral aqui analisada é entendida como elaboração literária e artística e não pertence ao campo histórico nem religioso, mesmo quando se apropria de tais referências em sua composição. *A Criação do Mundo e Outros Negócios* não se apresenta como uma substituição das narrativas bíblicas nem se constitui, formalmente, em uma narrativa *midráshica*. Miller recorre a essas narrativas do ponto de vista literário e, de certa forma, rompe barreiras que acabam por deixar seu público e críticos despidos de seus recursos formais de análise.

Ao entrelaçar as forças da narrativa bíblica, elementos e fragmentos do *midrash*, bem como discutir o desejo humano, a responsabilidade e a culpa, a peça de Miller oferece, de fato, um Éden diferente daquele Paraíso bíblico, pois inclui o desejo da serpente, as proibições de um Deus-pai inseguro, a escolha, a desordem e o mal e justamente por não haver nenhum conforto para tantas tensões levantadas na comédia tem-se a impressão de que a peça termina sem dar as explicações e soluções para os fatos levantados.

Mas, o que foi normalmente visto pela crítica como falha ou incoerência trata-se, na verdade, da dissimilitude da tradição judaica aflorando livremente na peça de Miller. Essa tradição, como nos lembra Inge Birgitte Siegumfeldt, “*está enraizada num método de interpretação centralizado no texto*” e na atualidade, já se reconhece que técnicas da interpretação utilizadas na composição e interpretação dos textos sagrados podem ser encontradas na literatura e na crítica literária. Assim sendo, é, segundo ela, relevante ter em mente que não é exagero entender que “*a literatura se transformou num domínio lingüístico de citações como o midrash*”.⁸

Referências bibliográficas:

- FACKENHEIM, Emil. *Gods Presence in History*. New York & London: New York University and University of London Press, 1970.
- FELDMAN, Alexandre. *Elementos bíblicos nas obras de Arthur Miller*. São Paulo, Vértices no. 3, 2002.
- GOTTLIEB, Isaac. *Midrash and Haggadah*. Ramat-Aviv, Tel-Aviv: Everyman's University, 1981.
- MILLER, Arthur. The Creation of the World and Other Business. In: *Arthur Miller Plays Two*. London: Methuen, 1991.
- _____. *The Theater Essays of Arthur Miller*. (Ed) Robert Martin and Steven Centola. New York, Da Capo Press, 1996. p. 186-7.

⁸ SIGUMFELDT, Inge Birgitte. On the Judaization of Post-modern Theory. In: *Jewish Studies in a New Europe* (Proceedings of the fifth Congress of Jewish Studies, 1994) Copenhagen: Reitzel, 1998. p. 822-30.

ROSENAK, Michael & COHEN, Jonathan. *The midrash and the Modern World*. Jerusalem: The Hebrew University of Jerusalem. Experimental Edition, 1982. p. 74.

SIGUMFELDT, Inge Birgitte. On the Judaization of Post-modern Theory. In: *Jewish Studies in a New Europe* (Proceedings of the fifth Congress of Jewish Studies, 1994) Copenhagen: Reitzel, 1998. p. 822-30.